

FH faz autocrítica na segurança

■ Presidente diz que não consegue fechar fronteiras ao tráfico; que tem culpa na falta de luz no Rio; e compara Saddam a Hitler

Brasília - Gilberto Alves

CÉSAR FELÍCIO

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem, em entrevista à TV Senado, que a violência no Rio não está relacionada com problemas econômicos e sim com o crescimento da influência do tráfico de drogas. "O Rio tem um dos menores índices de desemprego do país. A criminalidade, lá, não vem do desemprego, mas do narcotráfico. É um problema seriíssimo. "Não estou satisfeito com o que vem sendo feito", afirmou Fernando Henrique. E prosseguiu: "Estamos tentando fechar as fronteiras, mas temos apenas 5 mil policiais federais para 16 mil quilômetros de divisa internacional. Estamos construindo presídios, mas este é um processo que irá demorar. Houve algum avanço, mas temos que dar as mãos para enfrentar isto."

Fernando Henrique afirmou que a crise de abastecimento de energia no Rio "é uma situação temporária", mas assumiu parte da culpa pelas falhas de atendimento das recém-privatizadas Cerj e Light: "A responsabilidade é de todos, inclusive do meu governo, com a fiscalização".

O presidente ainda mencionou a crise internacional do Iraque, afirmando que "o Brasil não irá assistir de braços cruzados a guerra bacteriológica". Para Fernando Henrique, "se as regras internacionais não forem respeitadas, teremos Hitler outra vez". Sobre a conjuntura econômica, o presidente desdenhou as exportações. "O que conta no Brasil é o mercado interno. As exportações representaram ano passado 6% ou 7% do PIB. Ou seja, elas não são nada."

CRIMINALIDADE NO RIO

"Fiz um programa de desenvolvimento no Rio. O Rio queria o porto de Sepetiba, o Teleporto, a entrada da indústria automobilística e o pólo gás-químico. Tudo isto está sendo feito, e agora, com a Agência Nacional de Petróleo lá instalada, outras empresas vão ser atraídas. O resultado disso tudo é que o desemprego no Rio é um dos menores do País. A criminalidade, no Rio, não vem do desemprego, mas está ligada ao narcotráfico. É um problema seriíssimo e eu não estou satisfeito com o que vem sendo feito. O governo federal está tentando fechar as fronteiras, mas são 5 mil policiais federais para 16 mil quilômetros de



Fernando Henrique reconheceu falha nas privatizações e defendeu prioridade para o mercado interno em relação às exportações

divisas internacionais. Estamos construindo presídios, mas este é um processo demorado. Temos que buscar mais entrosamento entre as diversas instâncias do poder para combater as drogas. Houve algum avanço, mas temos que dar as mãos para enfrentar isto."

LIGHT E CERJ

"O problema da energia causado pela Light e a Cerj é uma situação temporária. Vamos enfrentar o problema e ir para a frente. A responsabilidade pelo problema é de todos, inclusive do meu governo, com a fiscalização. O que houve no Rio foi uma crise de expansão do consumo conjugada com uma crise de previsão".

SADDAM E HITLER

"Com o Iraque, o Brasil está fazendo o que sempre fez. O Brasil apóia as decisões do Conselho de Segurança da ONU e não é verdade que os EUA vieram aqui para pedir que o Brasil apoiasse uma guerra. Vamos apoiar até o fim a solução diplomática. Agora, o Brasil não vai ficar de braços cruzados vendendo uma guerra bacteriológica. Se o Iraque não tem armas químicas, porque não mostra que não tem? Se as regras internacionais não forem respeitadas, teremos Hitler outra vez".

MERCADO INTERNO

"Uma de nossas vulnerabilidades é a pou-

pança interna baixa. Mas a recuperação depende de nós, não do mercado externo. Grande parte do que produzimos é consumido aqui. As exportações são 6 ou 7% do que produzimos, ou seja, não são nada. A nossa força é o mercado interno, daí precisamos fortalecer a poupança interna, e daí a necessidade das reformas".

SALÁRIO MÍNIMO

"O salário mínimo já está dobrado nos últimos quatro anos. Era de US\$ 64, hoje é R\$ 120. Comprava meia cesta básica há quatro anos, hoje compra uma cesta. Além disso, cada vez menos gente ganha salário mínimo. Este ano, não é por ser ano eleito-

ral que eu vou dar mais do que o possível, ou menos. Vou dar o aumento possível".

CAMPANHA DA REELEIÇÃO

"O comportamento do governo este ano será de austeridade. Seria burrice política fazer o contrário do que a população deseja. Não se ganha eleição com dinheiro, mas com postura".

CÂMARA E SENADO

"O Congresso tem dado um show. Nunca houve atividade legislativa como agora, talvez só na Constituinte e não é verdade que as propostas do Executivo não são alteradas e melhoradas. O Executivo tem que ter a sensibilidade de entender que as leis mudam no Congresso. É natural que a oposição reclame, mas o que é ruim é quando se paralisa o processo; porque aí se bota em crise a própria democracia. Falam em barganha, mas olhem o Diário Oficial depois das votações. O parlamentar tem o legítimo direito de postular reivindicações, mas a negociação não é composta de barganha menor. Tenho proposto coisas para o país, não para o meu interesse pessoal. E o pleito legítimo não é barganha. Neste governo, não há crise de governabilidade, porque eu tenho maioria, inclusive para mudar a Constituição. Isto faz com que eu possa dar rumo. O Congresso está funcionando bem porque o Executivo apresenta demandas".

MEDIDAS PROVISÓRIAS

"O Executivo não vai se conter, porque a sociedade não está contida e as mudanças têm que prosseguir".

REFORMA POLÍTICA

"O problema no Brasil é o sistema eleitoral, que deixa o eleitor sem controle do seu representante. O maior problema do candidato a deputado é o próprio colega do partido. Sou a favor do voto distrital misto porque as eleições dilaceram os partidos. Agora, estas mudanças tem que ser feitas com certo prazo".